



REVES - Revista Relações Sociais (eISSN 2595-4490)

Paralelo entre o texto: algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos (Munanga, 2006), e o filme *Quanto vale ou é por quilo?*

Parallel between the text: some considerations about “race”, affirmative action and black identity in Brazil: anthropological foundations (Munanga, 2006), and the film *How much is it worth or is it for a kilo?*

Cleucimar Aparecida Pereira Prudente

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2951-4051>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Mato Grosso do Sul/MS, Brasil

E-mail: cleuprudente@gmail.com

Luara Tavares Garcia

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2703-6343>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Mato Grosso do Sul/MS, Brasil

E-mail: luarabilac@hotmail.com

Article Info:

Article history: Received 2025-01-06

Accepted 2025-02-14

Available online 2025-02-14

doi: 10.18540/revesv18iss1pp17151



Resumo. Neste trabalho analisamos o diálogo de abertura do filme "Quanto Vale ou é por um quilo?" (2005), dirigido por Sérgio Bianchi, uma obra do cinema nacional que aborda a persistência da escravidão desde o século XVIII até os dias atuais e os desvios financeiros em projetos sociais conduzidos por organizações não governamentais (ONGs), as quais recebem recursos destinados a essas iniciativas. Utilizamos o texto de Munanga (2005/2006) como referencial teórico para estabelecer uma relação entre a narrativa histórica da escravidão e as questões contemporâneas de política e identidade negra na análise cinematográfica. O problema central explorado no filme é a persistente exploração da mão de obra ao longo dos séculos, mantendo sua influência prejudicial na sociedade. O objetivo da comparação entre o texto e o filme serve para compreender como o processo de formação das práticas racistas no Brasil está vinculado intimamente com a história e as estruturas sociais e econômicas do período escravista, além de evidenciar sua manutenção. O resultado desta análise mostra a importância do cinema como uma forma de expressão que pode gerar diálogos significativos sobre questões sociais e políticas, especialmente aquelas relacionadas à história da escravidão e à identidade negra. Concluímos que o filme "Quanto Vale ou é por um quilo?" oferece uma

contribuição valiosa para o entendimento e a conscientização sobre essas questões complexas, incentivando o público a refletir sobre a necessidade contínua de combater a escravidão moderna e promover a equidade.

Palavras-chave: Escravidão. Desigualdade. Identidade.

Abstract. In this research we analyze the opening dialogue of the film "How much is it worth or is it for a kilo?" (2005), directed by Sergio Bianchi, a work of national cinema that addresses the persistence of slavery from the 18th century to the present day and the financial diversion in social projects conducted by non-governmental organizations (NGOs), which receive resources destined to these initiatives. We used Munanga's text (2005/2006) as a theoretical reference to establish a relationship between the historical narrative of slavery and contemporary issues of politics and black identity in cinematographic analysis. The central problem explored in the film is the persistent exploitation of labor over the centuries, maintaining its harmful influence on society. The objective of comparing the text and the film serves to understand how the process of formation of racist practices in Brazil is closely linked to the history and social and economic structures of the slavery period, in addition to highlighting their maintenance. The result of this analysis shows the importance of cinema as a form of expression that can generate meaningful dialogues about social and political issues, especially those related to the history of slavery and black identity. We conclude that the film "How much is it worth or is it for a kilo?" offers a valuable contribution to understanding and raising awareness of these complex issues, encouraging the public to reflect on the ongoing need to combat modern slavery and promote equity.

Keywords: Slavery. Inequality. Identity.

1. Introdução

O presente texto se trata de um diálogo entre o texto de Munanga (2005/2006), trabalhado na disciplina Educação e Diversidades Sociais do Programa de Mestrado da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, correlacionando ao filme *Quanto Vale ou é por um quilo?* Com o intuito de aprofundar o estudo sobre os elementos da ideia de identidade que estão intrinsecamente relacionados com a forma de pensar o conceito de humanidade como noção de igualdade e liberdade.

O filme exhibe as diversas formas de violência e exploração sofridas pelos negros escravizados traçando um paralelo com a atualidade no intuito de entender como que, após a abolição da escravidão o acesso à educação de qualidade, cultura e condições dignas foi e continua sendo negado à comunidade negra. O objetivo central do longa é mostrar que as demandas e as contradições vividas pelo povo negro no Brasil é histórica e exige, portanto, o conhecimento desta natureza para o entendimento dos conflitos atuais. Ao enquadrar uma correspondência entre passado e presente, o diretor Sergio Bianchi revela que muitos dos conflitos ainda não foram superados.

Nesse sentido, como diz Munanga (2006), o Brasil é um país nascido do encontro de culturas e civilizações, então, tanto não deve se ausentar do debate racial como também, principalmente, não pode mascarar-se como um país não racista. A importância como obra cultural de *Quanto Vale ou é Por Quilo?* Está em retirar essa máscara de que o Brasil não seria um país racista imposta com tanta

força sobre a consciência dos brasileiros. A reflexão entre o texto e o filme contribui para compreender como o processo de formação das práticas racistas no Brasil está vinculado intimamente com a história e as estruturas sociais e econômicas do período escravista, além de evidenciar sua manutenção.

2. Identidade do negro

A história da escravidão no Brasil e no mundo é brutal e desumana, os resultados deste processo ainda ecoam na sociedade brasileira. Assim como retratado no filme, testemunhamos quase todos os dias através das mídias e nas ruas essa ferida que se mantém aberta e ao mesmo tempo velada. O não-ver é como fugir da realidade e refugiar-se num conforto cego. O ver geralmente significa colocar-nos na posição de espectadores que apenas assiste ao sofrer do Outro como resultado da ignorância deliberada, sem tomar uma posição no sentido de mudar o status quo. Para Munanga (2006) a ideia de identidade está intrinsecamente relacionada com a forma de pensar o conceito de humanidade como noção de igualdade e liberdade, dentro de um contexto espacial e histórico.

O filme exhibe um processo marcante para a população negra por meio de Candinho, jovem negro, desempregado e com um filho prestes a nascer. A sua trajetória revela um dos principais mecanismos opressivos e simbólicos por quais passaram os negros durante o neocolonialismo:

Por um lado, o direct rule ou a administração direta francesa, que visa à assimilação dos povos colonizados dentro do modelo racista universalista destruidor das identidades não-ocidentais, por outro o indirect rule ou a administração indireta britânica, que visa à aculturação dos povos colonizados, num processo que declaradamente pretendia conservar as identidades tradicionais para não criar choques desnecessários que poderiam prejudicar o processo acultutivo (MUNANGA, 2005/2006 p.49).

A história de Candinho revela um dos mecanismos sistêmicos que tange à cultura, em que o processo de aculturação está intimamente ligado à implementação desse modo de vida no qual a cultura dá lugar ao consumo, ser é comprar. Na cena em que em sua esposa revela seus desejos de ascensão através da beleza e do modo de pensar dos grupos de classes sociais mais elevadas, a feição de Candinho parece revelar, por um instante, o dilaceramento do sujeito que não se identifica como tal por não poder consumir os produtos de luxo, Candinho só é reconhecido através de sua capacidade de render, de produzir e trazer sustento, a força da ideologia - que surge pelo discurso da esposa - é tamanha que faz com que Candinho trabalhe como um assassino de aluguel. Além dessa leitura da opressão do discurso ideológico de consumo sobre o personagem, outra tem de ser evidenciada: a opressão pela falta, pela necessidade.

Além da busca de reconhecimento, de ser visto tal como aqueles que são estampados na capa da revista, sua sogra está a todo momento pressionando para que conquiste um emprego para trazer rendimentos para sua nova família, ou seja, Candinho está entre o tornar-se sujeito através do consumo, simbolizado por sua esposa, e a realidade que não oferece boas oportunidades para isso, representado pelo trabalho precarizado da sogra e suas falas. Ceder e colaborar ao sistema que o oprime é caminho que o faz objetificar, matar, ou capturar - em um tempo remoto - aqueles que compartilham das mesmas mazelas. Embora tamanho

desprendimento moral e de uma vida digna, pode atender às necessidades básicas de sua família e tornar-se Sujeito: "agora sim você é meu homem, Candinho". Constrói-se um quadro que revela o mecanismo estruturalizante que leva do desejo e necessidade ao crime.

2.1 O racismo como lucro

Nesse ponto encontra-se a centralidade do longa-metragem: o racismo como lucro. Um país como o Brasil, "que justamente nasceu do encontro das culturas e das civilizações" (MUNANGA, 2005/2006), ao se eximir no combate do racismo - como violência física, verbal, simbólica e cultural - opera deste modo no sentido de manter as cordas, contrapesos e mecanismos que engendram o acúmulo de capital a certa classe social. No filme, o lucro através do racismo é feito pelo uso das ONGs como fachada na captação do dinheiro dos financiadores e do superfaturamento. Uma reminiscência colonialista:

Mas, para que se tornasse um hábito, a lógica das raças precisava ser agregada à lógica do lucro, à política da força e ao instinto de corrupção - definição exata da prática colonial. [...] Tomemos o caso da França. A consciência de império foi o resultado de um investimento político e psíquico singular, do qual a raça foi ao mesmo tempo a moeda de troca e o valor de uso (MBEMBE, 2018 p.116).

Essa representação no filme é bem particular, e ao mesmo tempo visível, do lucro através da miséria, mas revela as forças bem articuladas na manutenção do status quo. Manter o quadro social ou até mesmo degenerá-lo é muito lucrativo, como expõe o filme através das "festinhas" de luxo realizadas pelos financiadores das ONGs. Além disso, envolve as forças egoicas de uma classe média que não quer tomar o racismo como um problema da branquitude e que faz da miséria, por meio das doações, uma "boa dieta na consciência".

2.2 Desigualdade é estrutural

Entende-se que racismo no Brasil não pode ser simplificado como uma mera manifestação de preconceitos individuais, mas sim como um sistema enraizado na história do país que continua a moldar a sociedade contemporânea. Originado no período colonial e perpetuado ao longo dos séculos, o racismo é parte integrante da estrutura socioeconômica, regulando não apenas as relações de trabalho, mas também a educação, a saúde e as oportunidades de vida de diferentes grupos raciais. Assim, é importante ressaltar que:

As propostas de combate ao racismo não estão mais no abandono ou na erradicação da raça, que é apenas um conceito e não uma realidade, nem no uso dos léxicos cômodos como os de "etnia", de "identidade" ou de "diversidade cultural", pois o racismo é uma ideologia capaz de parasitar em todos os conceitos (MUNANGA, 2005\2006 p.53).

Cabem mudanças estruturais que retire os grilhões do povo negro, que diminua a sua vivência com as contradições raciais e traga uma liberdade que não tenha fins de consumo, mas de humanidade.

3. Resultados e discussões

A necessidade de reformar as políticas públicas para enfrentar o racismo estrutural deriva da compreensão de que o atual sistema tende a perpetuar a marginalização e a desvantagem das comunidades negras. Ao fazer isso, não apenas nega aos negros a oportunidade do desenvolvimento pleno dentro de sua própria identidade cultural, mas também perpetua a visão de que suas vidas e experiências podem ser comercializadas e exploradas.

É fundamental reconhecer a necessidade de mudanças estruturais que desfaçam as amarras que historicamente têm oprimido a comunidade negra. Essas mudanças não apenas devem visar reduzir as contradições raciais, mas também promover a liberdade que transcende o simples consumo material, buscando a restauração da dignidade e da humanidade. Isso implica não apenas na revisão de políticas públicas que abordem as disparidades raciais, mas também na promoção de uma conscientização coletiva que desafie estereótipos e preconceitos arraigados, resultando em uma sociedade mais justa e igualitária para todos os seus membros, independentemente de sua origem racial.

4. Considerações finais

O presente trabalho motiva a discussão sobre o problema do preconceito e da exploração da comunidade negra na sociedade brasileira por meio do filme de Bianchi (2005) e o texto de Munanga (2006). O filme revela que a desigualdade social atual é uma perpetuação dos mecanismos de exploração de corpos negros durante o período colonial, uma estrutura econômica baseada no trabalho escravo desde a independência do Brasil.

A identidade cultural de uma pessoa ou de um grupo é construída pelo reconhecimento das características do indivíduo e dos grupos aos quais ele pertence e que possuem necessidades e peculiaridades como históricas, culturais, religiosas, sociais, regionais, etc. Historicamente, a população negra no país sofreu e ainda sofre com a discriminação, o preconceito e a exclusão social, o que acaba refletindo em diversos aspectos da vida, desde o acesso à educação, trabalho e saúde, até à violência e à criminalidade. Dessa forma, as manifestações democráticas e antirracistas lutam pela criação de políticas públicas focadas na promoção da igualdade racial, com o propósito de garantir a todas as pessoas, independente das diferenças, os mesmos direitos e oportunidades.

Referências

- BIANCHI, Sérgio. **Quanto vale ou é por quilo? Longa-metragem** / Sonoro / Ficção /35 mm, COR. Direção: Sérgio Bianchi. Roteiro: Sergio Bianchi; Eduardo Benaim. Montagem: Paulo Sacramento. Companhias Produtoras: Quanta; Teleimage. Brasil, 2005.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1, 2018.
- MUNANGA, Kabengele. **Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos**. *Revista USP*. São Paulo, n. 68, p. 47-57. Dezembro/fevereiro 2005-2006.